

Urban Sketchers: a sobrevivência da sensibilidade urbana

Urban sketchers: the survival of urban sensibility

Urban sketchers: supervivencia urbana de la sensibilidad

Paulo Henrique Tôrres Valgas¹

Recebido em: 12/3/2016

Aceito para publicação em: 20/3/2017

Resumo: Este artigo versa sobre a sensibilidade e a percepção urbana utilizando-se dos escritos de Walter Benjamin numa interrogação sobre a atualidade de sua teoria e das sobrevivências da prática do *flâneur* e de outras personagens urbanas, como o trapeiro, o artista e o poeta moderno. Para isso, foi estudado o movimento de desenhistas urbanos *Urban Sketchers*, fundado pelo espanhol Gabriel Campanario em 2007, hoje um movimento estendido a todos os continentes, subdividido em grupos regionais com reuniões regulares para desenhar os espaços urbanos. O artigo foi subdividido com o fim de estabelecer as relações propostas e exemplificá-las por meio dos desenhos e das postagens dos membros do grupo no Brasil.

Palavras-chave: *Urban Sketchers*; cidades; sensibilidade; *flâneur*.

¹ Licenciado em História e especialista em História da Arte pela Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul), mestrando em Teoria e História da Arte no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc), sendo orientado pela Profa. Dra. Sandra Makowiecky. Professor no Instituto Federal Catarinense, *campus* Ibirama, atuando no ensino médio integrado e Proeja-FIC.

Abstract: This article approaches the sensibility and the urban perception using the writings of Walter Benjamin in an interrogation about the actuality of his theory and of the survivals of the practice of the flâneur and of other urban personages like the trapper, the artist and the modern poet. Urban Sketchers, founded by the Spanish architect Gabriel Campanario in 2007, is a movement that has been extended to all continents, subdivided into regional groups with regular meetings to design urban spaces. The article was subdivided in order to establish the proposed relationships and to exemplify them through the drawings and posts of the members of the group in Brazil.

Keywords: Urban Sketchers; cities; sensibility; flâneur.

Resumen: En este artículo se analiza la sensibilidad y la percepción urbana utilizando los escritos de Walter Benjamin una pregunta acerca de la relevancia de su teoría y flâneur la práctica de supervivencias y otros personajes urbanos como el trapero, el artista y el poeta moderno. Para ello, se estudió el movimiento de los diseñadores urbanos *Urban Sketchers*, fundada por el español Gabriel Campanario en 2007, hoy un movimiento extendido a todos los continentes, divididos en grupos regionales con reuniones periódicas para diseñar espacios urbanos. El artículo se ha subdividido a fin de establecer las relaciones propuestas y ejemplificar a través de los dibujos y los mensajes de los miembros del grupo en Brasil.

Palabras clave: *Urban Sketchers*; ciudades; sensibilidad; flâneur.

A CIDADE E SUA REPRESENTAÇÃO

A cidade, compreendida como causa e consequência do desenvolvimento civilizatório, é um lugar de intensas vivências, percepções, debates e trocas, como destacou Le Goff (1998, p. 29). Com significativa importância na Antiguidade e pouco destaque na Europa medieval, sobretudo no Ocidente, recuperou seu *status* no fim desse período, com a ascensão dos burgos. No entanto somente no século XIX, em certos países já industrializados, a população urbana superou a população rural, e a metrópole transformou-se no símbolo da modernidade. Para Sandra Pesavento (2008, p. 11), “a cidade foi, desde cedo, reduto de uma nova sensibilidade”, e

ser cidadão [...] implicou formas, sempre renovadas ao longo do tempo, de representar essa cidade, fosse pela palavra, escrita ou falada, fosse pela música, em melodias e canções que a celebravam, fosse pelas imagens, desenhadas, pintadas ou projetadas, que a representavam, no todo ou em parte, fosse ainda pelas práticas cotidianas, pelos rituais e pelos códigos de civilidade presentes naqueles que a habitavam.

A cidade, portanto, sempre foi representada por seus moradores e admiradores, e a essa representação de cidades reais, afirma Pesavento (2008), “corresponderam outras tantas cidades imaginárias, a mostrar que o urbano é bem a obra máxima do homem, obra esta que ele não cessa de reconstruir, pelo pensamento e pela ação, criando outras tantas cidades, no pensamento e na ação, ao longo dos séculos”. Pesavento considera também a relevância dos variados discursos na construção da imagem da cidade, destacando a importância de suas representações artística e literária, questionando ser possível pensar em Paris, São Petersburgo, Buenos Aires e Porto Alegre sem pensar em Proust e Baudelaire, Dostoiévski e Tolstói, Jorge Luís Borges e Mário Quintana (PESAVENTO, 2007, p. 18-19). Pelos nomes citados é perceptível que um dos períodos mais prolíficos da sensibilidade urbana foi o

século XIX. Walter Benjamin, debruçando-se sobre esse período, estudou a metrópole, sobretudo Paris, chamada por ele de “capital do século XIX”. Ele captou a sensibilidade de poetas, artistas, críticos e escritores. Desse novo momento histórico, econômico e político, mas também cultural e social, ele destacou personagens urbanas, tais como o *flâneur* e o literal vagabundo, que perambula ou paira no entorno da cidade, a observá-la. Junto dele, o trapeiro, que recolhe restos e é tratado como tal, a prostituta, vendedora e mercadoria; o jogador viciado, o colecionador fetichista, o transeunte sem rumo, o trabalhador apressado, alienado pelo sistema opressor, as madames despreocupadas olhando vitrines das galerias, as carruagens transportando homens de negócio e o destino socioeconômico de muitos. “Esse público partilha o sentimento de viver em uma era revolucionária, uma era que desencadeia explosivas convulsões em todos os níveis de vida pessoal, social e política”, afirma Berman (1986, p. 17). Benjamin também se ateve às novas tecnologias que despontavam, como o uso do ferro e do vidro, as transformações urbanas que eram reflexo de atos político-econômicos, tais como as ruas alargadas e a propagação de galerias.

O URBAN SKETCHERS

Este artigo investiga se as personagens urbanas citadas e suas ideias e práticas sobrevivem – e como sobrevivem – no século XXI, observando a experiência do *Urban Sketchers*, movimento que tem buscado estabelecer uma conexão sensível com a paisagem urbana. Foi criado em 2007 pelo ilustrador e jornalista espanhol Gabriel Campanario, hoje radicado nos Estados Unidos e colaborador do jornal *The Seattle Times*. Ele criou no site *Flickr* um grupo chamado *Urban Sketchers* e um ano depois um *blog*, seguido pela fundação da organização sem fins lucrativos *Urban Sketchers* (USk), com o objetivo de organizar eventos, levantar fundos e oferecer bolsas para artistas (KUSCHNIR, 2012, p. 1). No decorrer desses quase dez anos, diversos grupos se formaram, em todos os continentes, e de acordo com o site oficial do USk Brasil existem membros em mais de 20 países, como Portugal, Austrália, Marrocos, Singapura e Argentina, cerca de 50 *blogs*, 650 correspondentes pelo mundo, sendo aproximadamente 60 só no Brasil, além de 175 mil desenhos publicados no *Flickr* e 170 mil desenhos postados no *blog* principal do movimento. Há em torno de 150 mil visitas mensais neste *blog* e mais de 2 milhões desde sua fundação. Enquanto se leem essas informações, elas se desatualizam. Diariamente, por exemplo, há em torno de dez novas postagens de desenhos apenas na página do grupo USk Brasil no Facebook. Anualmente, promove-se um simpósio internacional para compartilhar experiências, realizar e participar de seminários e sair às ruas em grupos para desenhar, geralmente nos meses de julho. Desde 2010 os encontros vêm acontecendo, e já foram sedes Portland (Estados Unidos, 2010), Lisboa (Portugal, 2011), Barcelona (Espanha, 2012), Santo Domingo (República Dominicana, 2013), Paraty (Brasil, 2014), Singapura (2015) e Manchester (Inglaterra, 2016). Em 2017 o simpósio acontecerá em Chicago, nos Estados Unidos. No encontro de 2014, em Paraty (RJ), houve uma média de 250 participantes. Além desses, há encontros municipais, regionais e estaduais, e em abril de 2016 ocorreu o I Encontro Nacional USk Brasil em Curitiba, reunindo aproximadamente 300 pessoas.

O USk nasceu no Brasil pela iniciativa do arquiteto Eduardo Bajzek e dos artistas plásticos João Pinheiro e Juliana Russo, em agosto de 2011, em São Paulo. Desde então o movimento cresceu e hoje possui 40 correspondentes no *blog* oficial e mais de 6 mil membros no grupo do Facebook, distribuídos pela maioria das capitais brasileiras e em cidades como Araraquara, Londrina, Santos e Paraty. O estado de Santa Catarina tem como correspondentes os arquitetos Cláudio Santos, de Joinville, e o tubaronense Jony Coelho. Em 2016 a arquiteta Jaqueline Silva iniciou o USk Florianópolis, que desde então tem se encontrado uma vez ao mês. No *blog* do USk Brasil, explica-se que se buscam arquitetos,

ilustradores, *designers* gráficos, pintores e educadores que tenham “a mesma paixão pelo desenho de observação das cidades e das cenas urbanas” e que publiquem “mais que apenas desenhos na *web*, compartilhando também a narrativa e as circunstâncias em que esses desenhos foram feitos”. O fundador também criou um manifesto no qual destaca a visão que agrega o movimento e está disponível no seu *site*:

- I- Nós fazemos desenhos de locação, através da observação direta, seja em ambientes externos ou internos.
- II- Nossos desenhos contam histórias do dia a dia, dos lugares em que vivemos, e para onde viajamos.
- III- Nossos desenhos são um registro do tempo e do lugar.
- IV- Nós somos fiéis às cenas que estamos retratando.
- V- Nós utilizamos qualquer tipo de técnica e valorizamos cada estilo individual.
- VI- Nós nos apoiamos e desenhamos juntos.
- VII- Nós compartilhamos nossos desenhos *on-line*.
- VIII- Nós mostramos o mundo, um desenho de cada vez.

Os itens do manifesto serão referendados como paradigmas com base nos quais este artigo será conduzido. A antropóloga e pesquisadora do USk Karina Kuschnir (2012, p. 5), que também ministra aulas nos simpósios, destaca a valorização do desenho do espaço urbano e da relação do desenhador com a sua própria cidade ou com as cidades por onde viaja, sendo uma das características que singularizam esse projeto.

[...] Os desenhos dos *Urban Sketchers* não são “simplesmente” desenhos: são “enformados” por uma certa “visão de mundo”. Há delimitações do lugar de quem vê (*on location*), do uso da observação direta (por contraste com o desenho de memória), da busca por uma narrativa (contar uma história a partir do mundo observado) e da oferta de um contexto (do tempo e do local). Há uma base moral (*ser truthful*, fiel, verdadeiro àquilo que se observa) e uma base filosófica (“mostrar o mundo, desenho a desenho” poderia ser comparado ao dito chinês: “a jornada de mil milhas começa com um passo”). Há um respeito à diversidade e aos estilos individuais, bem como um princípio não distintivo entre artista e não-artista, implícito na defesa do caderno (e não da galeria de arte) e da sua identidade coletiva e não comercial (apoiamo-nos uns aos outros, desenhamos em grupo e compartilhamos nossos desenhos *online*) (KUSCHNIR, 2012, p. 7-8).

É do manifesto que orbita não apenas um conjunto de normativas, como também uma identidade *sketcher*, não necessariamente isenta de conflitos, mas que mantém um certo padrão naquilo que se pode esperar das produções. Com base nisso, serão mostrados três blocos em que os itens do manifesto serão mais bem exemplificados pelas práticas de membros do grupo, estabelecendo relações com o comportamento e os ideais seguidos pelas personagens estudadas por Benjamin, demonstrando assim, em tais práticas, a sobrevivência dessas personagens.

O DESENHO *IN LOCO* E O COTIDIANO

Versaremos agora sobre desenhar *in loco*. Essa proximidade para com a paisagem urbana, suas intermitências e sobrevivências, é característica já do século XIX: Benjamin (1989, p. 186) afirma que a paisagem é o que transforma a cidade para o *flâneur* e cita o princípio da *flânerie* em Proust:

Então, fora de todas essas preocupações literárias e sem estabelecer nenhum vínculo com elas, de repente, um telhado, o reflexo do sol sobre uma pedra, o cheiro de um caminho, me faziam parar por um prazer especial que me davam e também porque pareciam esconder, para além daquilo que eu via, alguma coisa que me convidavam a vir apanhar e que, apesar de todos os meus esforços, eu não chegava a descobrir (1939, p. 256 *apud* BENJAMIN, 1989, p. 191).

Benjamin (1989, p. 191) explica essa passagem afirmando que “o antigo sentimento romântico da paisagem se dissolve e que se origina uma nova visão romântica da paisagem, a qual parece ser, antes, uma paisagem urbana, se, em verdade, a cidade é o autêntico chão sagrado da *flânerie*”. Vista no século XIX, podemos comparar essa ideia com o caso de Nina Johansson, *sketcher* sueca que acredita que “desenhar uma cidade não é apenas capturá-la no papel. É realmente conhecê-la, senti-la, torná-la sua” (JOHANSSON *apud* KUSCHNIR, 2012, p. 5). Para tal, é necessário conhecer e reconhecer o local desenhado, não por fotos ou outras mídias, mas pela experiência física. Relatos diversos mostram *sketchers* assentando-se em qualquer banco, meio-fio ou mesmo dentro do carro, do ônibus, no terminal ou aeroporto, e daí exercerem sua percepção e desenho. O *sketcher* curitibano Fabiano Vianna (2015) relata um dia em que o grupo se reuniu no Museu Oscar Niemeyer, comparando suas práticas e vivências com as do *flâneur*:

Primeiro encontro do grupo *Urban Sketchers* Curitiba no MON!! Alegria, cachorros, Niemeyer, tribos diversas, transeuntes dominicais, arte, causos curiosos e cenas pitorescas. Não faltou nada. 45 *sketchers* [...]. Refletidos no olho que observa a cidade. Somos todos *flâneurs* croquizeiros - na incumbência de capturar o cotidiano. Colecionadores citadinos. Já tínhamos desenhado este lugar na época que participávamos apenas do “Croquis Urbanos”. Para os novos, o meio é o início. E é sempre desafiador redesenhar os mesmos lugares. Nós já não somos os mesmos que desenhávamos há dois anos e nem tão pouco os da semana passada.

Traduzindo livremente do francês, *flâneur* significa vadio, vagabundo. Era o homem das ruas da cidade, abstraindo aquilo que a vida moderna podia oferecer. Benjamin (1989, p. 51) cita Paul-Ernest de Rattier: “[nós os] encontrávamos nas calçadas e em frente das vitrines, esse tipo fútil, insignificante, extremamente curioso, sempre em busca de emoções baratas e que de nada entendia a não ser de pedras, fiacres e lampiões a gás”. Essas vitrines são as galerias (passagens), surgidas no século XIX em Paris, uma febre do “luxo industrial”, com “caminhos cobertos de vidro e revestidos de mármore, através de blocos de casas”, onde “de ambos os lados dessas vias se estendem os mais elegantes estabelecimentos comerciais, de modo que uma de tais passagens é como uma cidade, um mundo em miniatura” (GALL *apud* BENJAMIN, 1989, p. 34-35). Sem a galeria, dificilmente a *flânerie* teria se desenvolvido em plenitude, afirma Benjamin (1989, p. 34), pois a “rua se tornou moradia para o *flâneur* que, entre as fachadas dos prédios, sente-se em casa tanto quanto o burguês entre suas quatro paredes”; “muros são a escrivania onde apoia o bloco de apontamentos; bancas de jornais são suas bibliotecas, e os terraços dos cafés, as sacadas de onde, após o trabalho, observa o ambiente” (BENJAMIN, 1989, p. 35).

Nessas galerias o *flâneur*, esse homem dos passeios sem rumo, encontra descanso e prazer, toma para si a cena e o que pertence à cidade. Michel de Certeau (2000) afirmou que “aquele que perambula pelas ruas pode perder a visão do todo, mas realiza uma exploração corporal e sensitiva, apropriando-se de maneira nova dos espaços da cidade”. Em seus encontros informais, *sketchers* saem às ruas procurando por objetos para capturar, para sentir e tornar seus, com suas canetas de desenho, aquarelas e papéis, tanto quanto

o *flâneur* com suas pupilas e memória. Juliana Russo (2014), em sua viagem à Argentina, desenha o Mercado de San Telmo, tradicional em Buenos Aires, um prolífico lugar para um *flâneur* e um *sketcher*, onde tantas vivências, multidões, oportunidades passam a cada dia de funcionamento. Um conjunto de edifícios interessantes e pitorescos desenhado por Eduardo Bajzek (2014), localizado no estado de São Paulo, abriga restaurantes, cafés, bares e lojinhas e é considerado pelo arquiteto um *playground* para *urban sketchers*. Tal como o *flâneur*, para quem “o ato de percorrer as ruas da cidade não mantém qualquer espécie de relação com ir de um ponto a outro, tendo um objetivo já pré-definido” e que “pelos ruas, becos, praças e estabelecimentos comerciais que [...] essa cidade oculta se descortina” (COSTA, 2011, p. 17), o ato do *sketcher* prevê um andar livre pela cidade e um desenhar conforme o que vê. Nessa busca, que é totalmente desinteressada para o *flâneur* e parcialmente para o *sketcher*, há a admiração pelo que está diante de si, e ele encontra inspiradores modelos, seguindo o conselho de Pierre Hamp (*apud* BENJAMIN, 1989, p. 213): “sair de casa como se viesse de longe; descobrir um mundo, que é aquele no qual se vive, começar o dia como se desembarcasse de Singapura, como se jamais tivesse visto o capacho de sua própria porta nem o rosto do vizinho do mesmo andar”.

Charles Baudelaire, ao escrever sobre o “Salão de 1846”, conclamou “seus contemporâneos à percepção do agora, lembra[ndo] que os heróis do passado são os heróis do passado e que o presente tem seus heróis” (*apud* MENEZES, 2006, p. 7). Um ano antes já havia se queixado dos novos pintores, desatentos ao presente: “Não faltam assuntos, nem cores, para fazer epopéias. O pintor que procuramos será aquele capaz de extrair da vida de hoje sua qualidade épica, fazendo-nos sentir como somos grandiosos e poéticos em nossas gravatas e em nossas botas de couro legítimo” (BAUDELAIRE *apud* BERMAN, 1986, p. 138). O clamor do poeta relaciona-se com os itens II e III do Manifesto USk: “nossos desenhos contam histórias do dia a dia, dos lugares em que vivemos, e para onde viajamos” e “nossos desenhos são um registro do tempo e do lugar”. Junto dos desenhos, normalmente os USk relatam o dia, contam a história da sua produção, estabelecem relações e até mesmo teorizam. No relato de Bajzek, por exemplo, há uma percepção dos grupos sociais que transitam por certa praça.

Neste último sábado nos encontramos na Praça Roosevelt, em São Paulo, em uma ensolarada e quase quente tarde de junho. A cidade estava agitada, tensa... o trânsito incrivelmente pesado para um sábado [...]. Mas o encontro com os colegas desenhistas foi agradável e me deixou animado. Compareceram cerca de 15 pessoas. [...] Mesmo depois da reconstrução e da reinauguração em 2012, a praça ainda permanece como reduto de skatistas, como pudemos notar no sábado. Bem, achei a praça muito viva, movimentada e ocupada pela população que agora assumiu o seu papel definitivo de centro urbano de convivência social. Com skatistas, *sketchers*, e todas as outras tribos [...] (BAJZEK, 2014).

Os desenhos podem contar histórias. John Ruskin (*apud* PROENÇA, 2008, p. 7) afirmou que as grandes nações escrevem sua autobiografia por meio do livro de suas ações, o livro de suas palavras e o livro de sua arte, porém o único em que se pode confiar é o último. É pelos desenhos cotidianos que a vida é capturada, que as relações sociais são exacerbadas, que os grupos sociais se mostram e se afirmam e que identificamos quem são as personagens que transitam ou pairam pela cidade. Benjamin (1989, p. 33) lembra das fisiologias, volumes de desenhos que descreviam os “tipos encontrados por quem visita a feira” e logo dedicaram-se à fisiologia das cidades (BENJAMIN, 1989, p. 34). Em um encontro em Curitiba, Reinoldo Klein captou uma cena da capital paranaense em que cidadãos atravessam a rua em meio ao tumulto semanal (figura 1). Assim também Baudelaire considerou Constantin Guys, desenhista de seu tempo, mais que um artista:

um homem do mundo, tal como Edgar Allan Poe denominava homem das multidões a sua personagem londrina, também curioso e interessado no trivial, nos aspectos comuns da vida comum, dando aos seus desenhos uma outra forma de representação que, para o poeta, ia ao encontro da modernidade de seu tempo (DIAS, 2010, p. 2).

Figura 1 – Imagem de Reinoldo Klein. Desenho da antiga sede do Clube Curitibano (2014)



Fonte: Disponível em: <<http://brasil.urbansketchers.org/2014/01/42-sketch-crawl-curitiba-27012014.html>>. Acesso em: 25 jan. 2016

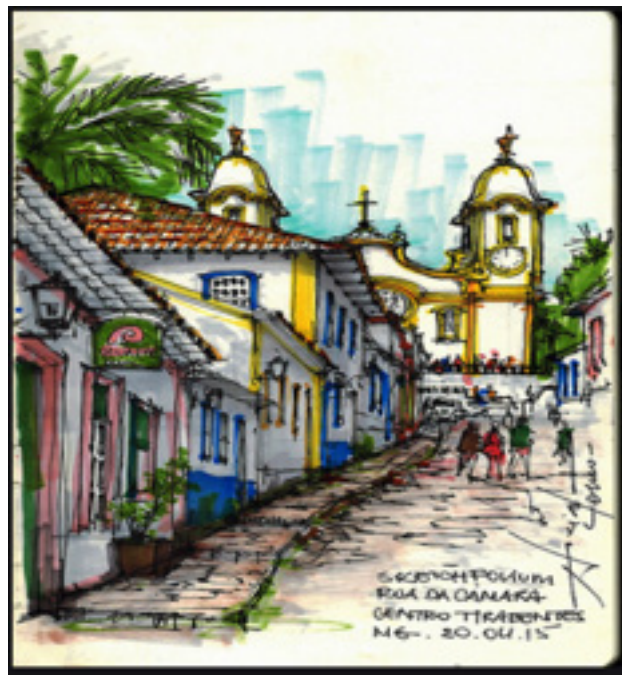
Danny Gregory (*apud* KUSCHNIR, 2012, p. 4), desenhista nova-yorkino, destaca que “não importava o que desenhasse”; importava apenas desenhar com base naquele “lento, cuidadoso e contemplativo olhar”, por meio do qual aprendeu a valorizar cada dia e cada objeto, por mais simples que fosse. Latas de comida abertas, velhos pares de sapato, uma esquina de Nova York – tudo pode ganhar espaço em seus cadernos de desenho. O *sketcher* paranaense Alexander Lermen escreveu sobre o encontro com bêbados e mendigos (2012c), tão frequentes em nossas ruas, assim como os músicos ambulantes e homens estátuas nas feiras (2012b) (figura 2). Ele chama a atenção para um homem que “tocava e cantava baixo, [e] não parecia muito preocupado com as moedas colocadas na caixinha” (LERMEN, 2012b). O paulista Dalton de Luca (2015) desenhou um grupo meditando na saída do metrô Vila Madalena, em São Paulo, além de relatar um dia em um café paulistano, num balcão que fica de frente para a calçada, onde vê um “sapateiro de rua que também faz concertos, fumantes de calçada, gente trabalhando pelo celular que escutamos toda a conversa, moças bonitas indo trabalhar” (DE LUCA, 2011). Bajzek (2012) desenhou uma feira de livros em São Paulo, onde uma máquina absorve um livro velho e devolve um livro novo; Adriano Mello desenhou turistas perambulando por Tiradentes (MG) (figura 3), assim como cidadãos solitários por ruas da cidade paulista de Santos; Juliana Russo (2014) desenhou um café de Buenos Aires com um homem solitário.

Figura 2 – Imagem de Alexander Lermen. Desenho de músico (2012)



Fonte: Disponível em: <<http://brasil.urbansketchers.org/search/label/Alexander%20Lermen>>. Acesso em: 4 fev. 2016

Figura 3 – Imagem de Adriano Mello. Rua da Câmara – Tiradentes – MG (2012)



Fonte: Disponível em: <<https://www.flickr.com/photos/adrianomello/with/17234812302/>>. Acesso em 4 fev. 2016

O cotidiano revela-se comum, mas o relato do curitibano José Marconi (2014) desponta como inusitado. Ele presenciou uma marcha conhecida como *zombie walk*, em que as pessoas se vestem como zumbis e desfilam pelas ruas. Envolvido com o grupo que parou para ser desenhado por ele, disse acreditar que “brincar com o medo é um ótimo modo de tornar

possível a convivência com o sentimento” e ter “a estranha sensação [de] que o verdadeiro zumbi é aquele que faz de conta que não os vê”, concluindo que seus desenhos são um atestado de vida. Baudelaire (*apud* BERMAN, 1986, p. 165) afirmou que a arte moderna deve buscar e apreender a vida moderna e que o artista moderno devia “sentar praça no coração da multidão, em meio ao fluxo e refluxo do movimento, em meio ao fugidio e ao infinito, em meio à multidão da grande metrópole”. José Clewton (2012), *sketcher* de Natal, explica que podemos “observar espaços públicos da cidade [...] no intuito de identificarmos as diversas escalas da relação tempo-espaço, a partir do cotidiano e das práticas sociais estabelecidas nesses espaços”. Os relatos anteriores indicam que essa sugestão do poeta tem sido colocada em prática pelos *sketchers*. “Sua paixão e sua profissão de fé”, continua Baudelaire (*apud* BERMAN, 1986, p. 166), “são tornar-se unha e carne com a multidão – *épouser la foule* [casar-se com a multidão]”. Há ênfase especial nessa imagem estranha e obsessiva. Esse “amante da vida universal” deve “adentrar a multidão como se esta fosse um imenso reservatório de energia elétrica”. Por outro lado, parado em meio a tanto tumulto e a tantos passantes, o *sketcher* chama a atenção daqueles que perambulam ou mesmo apressam o passo. Contudo Benjamin (1989, p. 50) alerta para o fato de que, enquanto o transeunte se enfia na multidão, o *flâneur* precisa de espaço livre e privacidade. Alexander Lermen reclama de bisbilhoteiros (2012a) e Jony Coelho (2014) conta que, ao sentar-se num ponto conhecido e movimentado da cidade, é interpelado por transeuntes, que, “[...] como sempre, param e dão palpites”. Marco Menezes (2015), estudioso do tema *flâneur*, escreve que, “como um ocioso que circula em Paris [...] como a terra prometida, o poeta transmutado no *flâneur* tenta levar uma vida paradoxal: estar na multidão sem se envolver nela”.

O REGISTRO DO TEMPO E DO LUGAR

Aqui trataremos do fato de os desenhos serem “registros do tempo e do lugar” e sobre a fidelidade em relação às cenas retratadas. Esta se refere a certa busca por fidedignidade à paisagem observada, embora cada um tenha métodos e poéticas próprios – como garante o item V (utilizamos qualquer tipo de técnica e valorizamos cada estilo individual). Essa suposta fidedignidade é bastante subjetiva e influencia a composição, por exemplo, quando certos espaços saltam aos olhos críticos de patrimonialistas, voltados a impedir a destruição dos bens históricos e a encontrar na cidade um lugar de prazer estético. O “registro do tempo e do lugar” pode também ser uma denúncia: do tempo a ser esquecido e do lugar profanado. O carioca Angelo Rodrigues (2012) e amigos desenharam uma vila em Botafogo, no Rio de Janeiro, que tem sido alvo de demolições a fim de verticalizar a cidade. Beto Candia (2011), desenhista de Ribeirão Preto, desenhou uma locomotiva exposta que tem sido alvo de descuido em sua cidade (figura 4).

Figura 4 – Imagem de Beto Candia. Maria Fumaça Phantom (2011)



Fonte: Disponível em: <<http://brasil.urbansketchers.org/2011/11/maria-fumaca-phantom-da-usina-santa.html>>. Acesso em: 4 fev. 2016

A Maria Fumaça “Phantom”, da Usina Santa Amália, foi doada ao município de Ribeirão Preto pelas Indústrias Matarazzo e instalada em 1912. A máquina está situada na praça Francisco Schmidt, na Vila Tibério, ao lado da Rodoviária da cidade. A situação em que se encontra esse patrimônio histórico é lamentável e de calamidade pública. Atualmente a locomotiva serve de banheiro e esconderijo de drogas, dos inúmeros desocupados que disputam o local. Uma pena! (CANDIA, 2011).

Figura 5 – Imagem de Jony Coelho. Farmácia Santo Anjo, na Rua Lauro Muller, em Tubarão (SC) (2013)



Fonte: Disponível em: <<https://www.facebook.com/profile.php?id=100008831435115&fref=photo>>. Acesso em: 24 jan. 2016

Jony Coelho desenha prédios antigos de sua cidade e, nas redes sociais, publica-os com legendas que detalham se o prédio “foi” ou “ainda não foi” derrubado, numa irônica crítica à destruição do patrimônio histórico da cidade. Na figura 5, vemos um prédio “ainda não demolido”. Ele destaca a rápida expansão imobiliária, registrando a “efêmera paisagem urbana e sua mutação” (COELHO, 2015), além de criticar o excesso de *outdoors* que, em prédios de grande visibilidade, têm sua capacidade publicitária posta à prova, por causa da poluição visual e da degradação comercial e urbana (COELHO, 2012).

A maranhense Regina Borba (2015), visitando as obras de Aleijadinho, escreve:

Logo que entrei me decepcionei com a cidade, pois a parte antiga foi toda “engolida” por construções modernas e sem planejamento. Mas conhecer a Basílica do Senhor Bom Jesus de Matosinho, onde ficam os profetas de Aleijadinho, foi emocionante. Fiz um *sketch* da estátua do Profeta Ezequiel, feito de pedra sabão, no estilo barroco brasileiro, construído entre 1757 a 1790. Ao redor da basílica, estão localizadas as seis capelas onde contém as esculturas do Mestre contando os passos da Paixão de Cristo. Também fiz um *sketch* de uma destas capelas.

UMA ARTE QUE ABRE OS OLHOS

Para Kuschnir (2012, p. 2), “a última frase do manifesto tornou-se um símbolo do grupo”, pois “é um lema que chama atenção para um fenômeno interessante no mundo atual: conhecer o mundo através dos desenhos”. Destacando a expressão *show the world*, ela afirma que não se limita a “mostrar o mundo”, mas também explorar, conhecer, apresentar, revelar, manifestar, expor, deixar ver, fazer compreender, demonstrar, tornar visível. Cada *sketcher*, portanto, tem seu jeito de mostrar o mundo, baseado em seus interesses. O paulista Christian Rabek interessa-se por caçambas (2013a); Cláudio Santos (2015), por pontos turísticos de sua cidade, Joinville, sobretudo prédios de origem germânica; Jony Coelho (2014) desenha cães de rua, bicicletas, um telefone público em formato de tubarão e pessoas em filas de espera. Da mesma forma, a arte também tem o poder de abrir os olhos para aquilo que ninguém vê. Alain de Botton (2012, p. 231), filósofo suíço, defende essa máxima em seu livro *A arte de viajar*, dedicando um capítulo à maneira como Van Gogh nos possibilitou ver Provença e lembrando Oscar Wilde, quando este afirma que “não havia *fog* em Londres antes que Whistler o pintasse”. Quando se mostra o mundo, abrem-se os olhos para ele. Benjamin (1994, p. 101) também destaca Eugene Atget, fotógrafo de Paris, alguém que “buscava as coisas perdidas e transviadas”, argumentando que, quando algumas publicações de vanguarda mostram unicamente detalhes,

ora um fragmento de balaustrada, ora a copa desfolhada de uma árvore cujos galhos se entrecruzam de múltiplas maneiras sobre um poste de gás, ora um muro ou um candelabro com uma boia de salvação na qual figura o nome da cidade, elas se limitam a levar ao extremo motivos descobertos por Atget.

Christian Rabek relata que, num dia qualquer, parou no caminho de casa para o trabalho para desenhar uma casa antiga pela qual ele passava diariamente (2013b). Essa parada é necessária e algo parecido foi feito por Cláudio Santos, que, sendo coordenador de um grupo, levou os alunos para desenhar porque andavam muito de carro e não tinham como parar e olhar a cidade. Vale acrescentar o sentimento do *flâneur*, citado por Menezes (2004, p. 69): o de ser autônomo, pois este não estaria condicionado pelo hábito que automatiza a percepção e impede a apropriação da cidade pelo cidadão. Seu contato com a massa urbana é aquele do olhar, ele vê a cidade.

Se para mostrar o mundo o *sketcher* vai acumulando experiências próprias, logo vai formando uma colcha de retalhos, como afirma o *sketcher* João Pinheiro. Tal comparação remete à atitude do poeta, que encontra o lixo da sociedade nas ruas e no próprio lixo o seu assunto heroico, tornando-se como um trapeiro, que tem de recolher na capital o lixo do dia que passou. Na lixeira ele encontra tudo o que a cidade grande jogou fora, tudo o que ela perdeu, tudo o que desprezou, tudo o que destruiu (BENJAMIN, 1989, p. 78). Enfim, funde-se em uma só personagem aquele fascinado pela urbanidade moderna: o *sketcher* anda como um transeunte, paira como o *flâneur*, poetiza, desenha e pinta como um artista moderno, recolhe trapos – histórias por todo o canto. Ainda sobre o *flâneur*:

Assim, em seu andar errante, a rua lhe mostra o âmago da urbe, revelando-lhe ora uma construção que por ali estar há tanto tempo tornou-se invisível aos olhares mais apressados, mas que por ter a sua própria história surge diante do *flâneur* de uma forma inteiramente diferente, com outro significado, ora deixa ver os vestígios da noite anterior que a cidade fora outra, ainda que fisicamente fosse a mesma, oferece-lhe o olhar efêmero e único da mulher que passa, a qual ele talvez jamais veja novamente; traz aos seus ouvidos a voz por vezes estridente do vendedor ambulante a contrastar com a música que irrompe da esquina mais próxima. É, portanto, a cidade como um organismo vivo que fascina o *flâneur* (COSTA, 2011, p. 18).

Não só ao *flâneur* a cidade fascina, pode-se perceber. Poder-se-ia dizer muito mais, mas conclui-se que o mesmo sentimento, o mesmo interesse e fascínio pela cidade perpassam a própria história da cidade. Ela é o reduto de uma sensibilidade, é nela que o fazer humano constitui sua memória. Pelo mundo todo *sketchers* têm se dado a desenhá-las, cada qual do seu jeito, com suas peculiaridades, cada qual expressando algo do que ela suscita, constituindo, enfim, uma história por meio de pinceladas, rabiscos, croquis, cadernos de viagens e *sketches*, assim como o fora por meio do olhar do *flâneur* e tantos outros que pelas cidades já caminharam.

REFERÊNCIAS

BAJZEK, E. A Praça Roosevelt ainda é dos Sketchistas, quero dizer, Skatistas. **Urban Sketchers Brasil**. 10 jun. 2014. Disponível em: <<http://brasil.urbansketchers.org/2014/06/a-praca-roosevelt-ainda-e-dos.html>>. Acesso em: 25 jan. 2016.

_____. Back on tracks! **Urban Sketchers Brasil**. 2012. Disponível em: <<http://brasil.urbansketchers.org/2012/08/back-on-tracks.html>>. Acesso em: 1.º fev. 2016.

BAUDELAIRE, C. **O Salão de 1845**. Poesia e prosa: volume único. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.

BENJAMIN, W. **Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo**. Tradução de José Martins Barbosa e Hemerson A. Baptista. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

_____. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERMAN, M. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. Tradução de Carlos F. Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BORBA, R. Desenhos feitos em Minas. **Urban Sketchers Brasil**. 2015. Disponível em: <<http://brasil.urbansketchers.org/2015/02/desenhos-feitos-em-minas.html>>. Acesso em: 24 jan. 2016.

BOTTON, A. de. **A arte de viajar**. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012.

CANDIA, B. A Maria Fumaça “Phantom”, da Usina Santa Amália. **Urban Sketchers Brasil**. 2011. Disponível em: <<http://brasil.urbansketchers.org/2011/11/maria-fumaca-phantom-da-usina-santa.html>>. Acesso em: 24 jan. 2016.

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano**. Artes do fazer. v. 1. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

CLEWTON, J. No Corpocidade 2012. **Urban Sketchers Brasil**. 2012. Disponível em: <<http://brasil.urbansketchers.org/2012/04/no-corpocidade-2012-salvadorba.html>>. Acesso em: 24 jan. 2016.

COELHO, J. Construções em madeira. **Urban Sketchers Brasil**. 2015. Disponível em: <<http://brasil.urbansketchers.org/2015/08/construcoes-em-madeira.html>>. Acesso em: 24 jan. 2016.

_____. Monstrengo azul. **Urban Sketchers Brasil**. 2012. Disponível em: <<http://brasil.urbansketchers.org/2012/08/monstrengo-azul.html>>. Acesso em: 24 jan. 2016.

_____. Vagando pelo centro de Tubarão. **Urban Sketchers Brasil**. 2014. Disponível em: <<http://brasil.urbansketchers.org/2014/01/vagando-pelo-centro-de-tubarao.html>>. Acesso em: 24 jan. 2016.

COSTA, A. da. **A flânerie como prática surrealista em Nadja**: uma proposta de tradução. Tese (doutorado)–Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011. Disponível em: <<http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/95363>>. Acesso em: 27 jan. 2016.

DE LUCA, D. Meditação no metrô. **Urban Sketchers Brasil**. 2015. Disponível em: <<http://brasil.urbansketchers.org/2015/05/meditacao-no-metro.html>>. Acesso em: 2 fev. 2016.

_____. Sapateiro na calçada. **Urban Sketchers Brasil**. 2011. Disponível em: <<http://brasil.urbansketchers.org/2011/12/sapateiro-na-calçada.html>>. Acesso em: 9 fev. 2016.

DIAS, E. Charles Baudelaire e Constantin Guys: arte e moda no século XIX. **19&20**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 4, 2010. Disponível em: <http://www.dezenovevinte.net/arte%20decorativa/baud_guys_ed.htm>. Acesso em: 31 jan. 2016.

KUSCHNIR, K. **Desenhando a cidade**: proposta para um estudo etnográfico no Rio de Janeiro. 2012. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/blogs/arquivos_upload/2012/01/110_2045-karina.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2016.

LE GOFF, J. **Por amor às cidades**: conversações com Jean Lebrun. Tradução de Reginaldo Carmello Correa de Moraes. São Paulo: Editora da Unesp, 1998.

LERMEN, A. Desenhando no circo sem luz. **Urban Sketchers Brasil**. 2012a. Disponível em: <<http://brasil.urbansketchers.org/2012/09/desenhando-no-circo-sem-luz-pinhais-pr.html>>. Acesso em: 24 jan. 2016.

_____. Domingo de feira. **Urban Sketchers Brasil**. 2012b. Disponível em: <<http://brasil.urbansketchers.org/2012/06/domingo-de-feira-londrina-pr.html>>. Acesso em: 24 jan. 2016.

_____. Manhã fria. **Urban Sketchers Brasil**. 2012c. Disponível em: <<http://brasil.urbansketchers.org/2012/12/manha-fria-curitiba-pr.html>>. Acesso em: 23 jan. 2016.

MARCONI, J. Zumbi croquiseiro urbano de Curitiba. **Urban Sketchers Brasil**. 2014. Disponível em: <<http://brasil.urbansketchers.org/2014/03/zumbi-croquiseiro-urbano-de-curitiba.html>>. Acesso em: 24 jan. 2016.

MENEZES, M. A. de. Baudelaire: o poeta da cidade moderna. In: Seminário Arte e Cidade, 1., Salvador, 2006. **Anais...** (online). Disponível em: <http://www.artecidade.ufba.br/st1_mam.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2017.

_____. Representações do espaço urbano de Paris no século XIX vistas através da poesia de Baudelaire. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 28., Florianópolis, 2015. Disponível em: <http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1433446570_ARQUIVO_REPRESENTACOES_DOESPACOURBANO.pdf>. Acesso em: 11 fev. 2016.

_____. **Um flâneur perdido na metrópole do século XIX: história e literatura em Baudelaire**. Tese (Doutorado em História)–Universidade Federal do Paraná. 2004. Disponível em: <<http://www.poshistoria.ufpr.br/documentos/2004/Marcosantoniodemenezes.pdf>>. Acesso em: 11 fev. 2016.

PESAVENTO, S. J. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 27, n. 53, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882007000100002>. Acesso em: 11 fev. 2016.

_____. História, memória e centralidade urbana. **Revista Mosaico**, v. 1, n. 1, 2008. Disponível em: <<https://www.google.com.br/rlsa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwjf5OyLnPHKAhXDH5AKHfSvD6oQFggdMAA&url=http%3A%2F%2Fseer.ucg.br%2Findexphp%2Fmosaico%2Farticle%2Fdownload%2F225%2F179&usq=AFQjCNFPPLYI1RdlPhDdjUdwzl9W9tKlQ>>. Acesso em: 11 fev. 2016.

PROENÇA, M. da G. **História da Arte**. 16. ed. São Paulo: Ática, 2008.

RABEK, C. Caçamba. **Urban Sketchers Brasil**. 2013a. Disponível em: <<http://brasil.urbansketchers.org/2013/06/cacamba.html>>. Acesso em: 24 jan. 2016.

_____. Nas ruas. **Urban Sketchers Brasil**. 2013b. Disponível em: <<http://brasil.urbansketchers.org/2013/10/nas-ruas.html>>. Acesso em: 24 jan. 2016.

RODRIGUES, A. Paisagens de Botafogo. **Urban Sketchers Brasil**. 2012. Disponível em: <<http://brasil.urbansketchers.org/2012/12/vila-de-casas-em-botafogo.html>>. Acesso em: 24 jan. 2016.

RUSSO, J. Desenhos de viagem pela Argentina e Uruguai. **Urban Sketchers Brasil**. 2014. Disponível em: <<http://brasil.urbansketchers.org/2014/11/desenhos-de-viagem-pela-argentina-e.html>>. Acesso em: 30 jan. 2016.

SANTOS, C. Hotel Tannenhof. **Urban Sketchers Brasil**. 2015. Disponível em: <<http://brasil.urbansketchers.org/2015/10/hotel-tannenhof-por-claudio-santos-para.html>>. Acesso em: 24 jan. 2016.

SOBRE o Urban Sketchers Brasil. **Urban Sketchers Brasil**. Disponível em: <<http://brasil.urbansketchers.org/p/sobre-o-urban-sketchers-br.html>>. Acesso em: 25 jan. 2016

VIANNA, F. USK Curitiba #1: MON. **Urban Sketchers Brasil**. 28 jun. 2015. Disponível em: <<http://brasil.urbansketchers.org/2015/07/usk-curitiba-1-mon.html>>. Acesso em: 4 fev. 2016.

Sites

<<http://brasil.urbansketchers.org/2014/01/42-sketch-crawl-curitiba-27012014.html>>. Acesso em: 25 jan. 2016.

<<http://brasil.urbansketchers.org/search/label/Alexander%20Lermen>>. Acesso em: 4 fev. 2016.

<<https://www.flickr.com/photos/adrianomello/with/17234812302/>>. Acesso em 4 fev. 2016.